

## *O alfaiate fanfarrão*

Um dia, um alfaiate que estava sempre a gabar-se da sua esperteza, decidiu ir correr mundo. Depois de percorrer um longo caminho, chegou a uma colina íngreme, atrás da qual se via a copa de algumas árvores e uma torre muito alta que desaparecia no meio duma nuvem.

- Vou ver quem é que lá vive - disse audaciosamente o alfaiate. - Nada me mete medo. - Até para si próprio se gabava.

Apenas tinha caminhado uns metros, quando algo de singular aconteceu. A torre começou a mexer. O alfaiate esfregou os olhos. Com certeza estava a ter miragens. As torres não mexem. Mas esta mexia. Deslocou-se até junto da colina e parou em frente do alfaiate. Não era uma torre. Era uma perna. A perna de um gigante. E, rapidamente, seguiu-se-lhe uma segunda. Ora, onde existem duas pernas gigantes, existe provavelmente um gigante.

- O QUE É QUE TU QUERES? - rugiu o gigante.

O alfaiate pôs as mãos em concha à volta da boca e gritou bem alto:

- Quero ganhar uma côdea de pão!

- Podes vir trabalhar para mim - rosnou o gigante.

O alfaiate viu que não podia recusar a oferta, visto ser tão pequeno e o gigante tão grande.

- Quanto me pagas? - perguntou.

- Dar-te-ei trezentos e sessenta e cinco dias por ano e um dia extra nos anos bissextos - respondeu o gigante.

- Parece-me justo - disse o alfaiate, embora estivesse determinado a fugir o mais depressa possível.

A primeira tarefa que o gigante lhe deu foi acarretar água.

- Um jarro chega? - perguntou o alfaiate. - Ou queres que traga o poço? Se o poço não chegar, trarei a nascente.

- Não, não, o jarro leva o suficiente - disse o gigante.

E pensou com os seus botões: "Este não é um homem normal, se consegue trazer um poço e uma nascente. Tenho de ter cuidado com o que lhe digo."



A segunda tarefa que o gigante deu ao alfaiate foi cortar lenha.

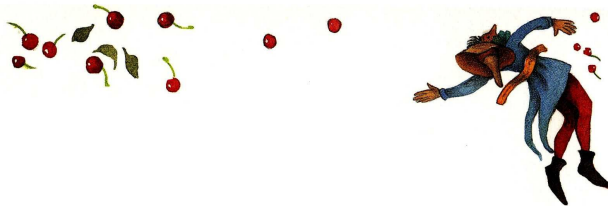
- Porque não me deixas trazer a floresta inteira e acabamos com isto? - disse o alfaiate em tom de desafio.

- Não, não é necessário - disse o gigante. E resmungou com os seus botões: "Trazer um poço e mais a nascente... cortar uma floresta inteira! Que espécie de homem é este?"

A terceira tarefa que o gigante lhe deu consistia em matar dois javalis para o jantar.

- Vou trazer-te mil - vangloriou-se o alfaiate.

- Não, não, dois chegam - disse o gigante. E murmurou com os seus botões: "Trazer poço e nascente... cortar uma floresta inteira... trazer mil javalis. Este homem é perigoso. Quanto mais cedo me livrar dele, melhor." Estava tão preocupado que ficou toda a noite acordado a pensar na melhor maneira de se ver livre do alfaiate.



Na manhã seguinte, o gigante levou o alfaiate a um pântano onde cresciam salgueiros. O gigante içou o alfaiate e sentou-o no ramo elástico de um deles.

- Acho que nem mesmo TU consegues vergar esse ramo até ao chão - disse o gigante.

- Ah, isso é que consigo! - gabou-se o alfaiate.

Inspirou profundamente e susteve o ar no peito. Depois, empurrou o ramo, que começou a vergar vagarosamente.

- Mais... - disse o gigante.

O alfaiate pressionou com mais força. O ramo desceu mais ainda. O fôlego do alfaiate esgotara-se. Precisava de tomar fôlego outra vez. Tinha de tomar fôlego outra vez. Mas, quando abriu a boca para inspirar, o ramo elástico do salgueiro lançou-o violentamente ao ar, como uma catapulta lança uma pedra. Subiu muito alto, cada vez mais alto. Deve ter ido além da lua, pois nunca mais ninguém o viu, para alívio do gigante.

Se o alfaiate não fosse tão fanfarrão, provavelmente estaria agora sentado em casa a contar aos netos a história de um gigante que um dia conhecera.

*Contos de Grimm*  
São Paulo, Edições Melhoramentos, 1968